



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

JAQUELINE CRISTINA GONÇALVES ALVES

**O ABUSO SEXUAL INFANTIL: UM ESTUDO SOBRE SUA PREVENÇÃO E
COMBATE NAS ESCOLAS DE SÃO FRANCISCO DO CONDE- BA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

JAQUELINE CRISTINA GONÇALVES ALVES

**O ABUSO SEXUAL INFANTIL: UM ESTUDO SOBRE SUA PREVENÇÃO E
COMBATE NAS ESCOLAS DE SÃO FRANCISCO DO CONDE- BA**

Trabalho de Conclusão de Curso na Modalidade de Projeto, apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras, para a obtenção Parcial do Título Acadêmico de Bacharel em Humanidades, sob a Orientação do Prof. Dr. Fernando Pina Tavares.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

JAQUELINE CRISTINA GONÇALVES ALVES

**O ABUSO SEXUAL INFANTIL: UM ESTUDO SOBRE SUA PREVENÇÃO E
COMBATE NAS ESCOLAS DE SÃO FRANCISCO DO CONDE- BA**

Trabalho de Conclusão de Curso na Modalidade de Projeto, apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras, para a obtenção Parcial do Título Acadêmico de Bacharel em Humanidades, sob a Orientação do Prof. Dr. Fernando Pina Tavares.

Data de aprovação: 15/05/2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fernando Jorge Pina Tavares (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Rutte Tavares Cardoso Andrade

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Cristina Teodoro

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por minha vida, e também por permitir que eu chegasse até aqui, e que em todas as situações estive comigo.

Aos amigos e colegas que me ajudaram em toda a jornada acadêmica.

Ao meu orientador, Professor Dr Fernando Tavares, pela sabedoria, determinação e paciência com que me orientou durante esta jornada de realização do presente trabalho.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	JUSTIFICATIVA	8
3	OBJETIVOS	10
3.1	GERAL	10
3.2	ESPECÍFICOS	10
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	11
5	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
6	CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA	19
7	RELATÓRIO PRELIMINAR DA PESQUISA DE CAMPO	21
	REFERÊNCIAS	24

1 INTRODUÇÃO

Há toda uma mitificação do poder judiciário, do Estado e da família, como sistemas de proteção à criança. Não se pode deixar de reconhecer que a criança vitimizada encontra-se em uma espécie de estado de sítio: não possui liberdade, está envolvida em uma situação de cumplicidade, segredo e dependência, sem condições de avaliar e analisar os fatos devidos.

A constituição da República Federativa do Brasil adota um modelo de justiça e assistência voltada para as crianças e adolescentes brasileiros, respeitando os fundamentos do Estado Democrático de Direito, especialmente no que concerne à dignidade do ser humano e a cidadania, estabelecido no seu artigo 227 que é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Dessa forma, a Constituição e demais legislações que tratam do assunto abuso sexual infantil atribuem à família, à sociedade e ao Estado a obrigação de assegurar ao menor, seus direitos pessoais e sociais, destacando sobretudo o caráter da responsabilidade conjunta do Brasil, com zelo pela sua infância e juventude.

Ainda se tratando do Estado, e reconhecendo que é dever do Estado prover educação de qualidade para os cidadãos no geral, e direito de toda criança e adolescente desfrutar de um atendimento eficiente em todas as fases da educação básica, como também ter acesso a programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação, assistência a saúde, e acompanhamento por parte dos agentes educadores.

Como o Estado através das escolas de São Francisco do Conde atua no sentido de ter um programa de prevenção dos abusos sexuais contra crianças e adolescentes, ou ainda na base da nossa pesquisa, como se dá o acompanhamento dos menores que já foram abusados? Qual o procedimento que as escolas utilizam para lidar com esse tipo de situação? Qual o preparo que os educadores possuem para enfrentar essa situação problema?

As escolas do Município de São Francisco do Conde podem e devem atuar diretamente no papel da prevenção. Os educadores são essenciais tanto no dever de prevenir, quanto no papel de identificar e denunciar os casos de abuso sexual infantil. Para tanto, se faz necessário que haja uma integração e coordenação entre as unidades de ensino do município trazendo dessa forma, maior segurança para os educandos.

Para tanto, de maneira simplificada far-se-á um estudo sobre a evolução histórica desta conduta, que tende a violar esses direitos, pontuando as relevantes alterações legislativas e ressaltando o papel fundamental da Tutela Constitucional pertinente à matéria aqui analisada, relacionando com a função do Estado no que concerne à educação, trazendo à tona a maneira como o abuso sexual infantil é abordado dentro das escolas do município de São Francisco do Conde.

Pretende-se no presente estudo, reunir as observações, as hipóteses e os fatos, para que se possa discutir o problema da efetiva aplicação dos princípios que norteiam a proteção no tocante à criança e ao adolescente.

2 JUSTIFICATIVA

O estudo a respeito do abuso sexual contra crianças e adolescentes é imprescindível a partir do momento em que tal estudo é utilizado para reduzir ou eliminar esse tipo de violência contra esses indivíduos. Haja vista que existem consequências devastadoras para o indivíduo que sofre este tipo de violência. A partir do abuso sexual, a vítima passa a ter que conviver com as consequências da violência sofrida e as sequelas decorrentes do abuso atuam no âmbito físico, psicológico, nas relações pessoais, entre outros.

Para que haja significativa e relevante redução nos casos de abuso sexual contra o menor de idade, se faz necessário que os princípios e medidas protetivas sejam colocados em prática no dia a dia do menor, uma vez que este se encontra em estado de vulnerabilidade e, conseqüentemente, precisa de proteção.

Tencionando a indispensabilidade da abordagem deste assunto, procuramos pesquisar e estudar o estatuto da criança e do adolescente, visando principalmente a busca da efetivação prática de medidas e princípios protetivos contra o abuso sexual de vulneráveis. Ou seja, pretende-se no presente estudo, reunir as observações, as hipóteses e os fatos, para que se possa discutir o problema da efetiva aplicação dos princípios que norteiam a proteção no tocante à criança e ao adolescente de maneira mais efetiva dentro das escolas do município de São Francisco do Conde. Sendo assim, as escolas do Município de São Francisco servem como guia de referência, haja vista que as escolas e seus educadores ocupam uma posição distinta na tela de atenção à criança e ao adolescente, devendo se responsabilizar e ter o dever de protagonistas na prevenção do abuso sexual infantil.

Dessa forma, o presente estudo pretende através da apropriação do estudo bibliográfico, analisar a eficaz aplicabilidade dos direitos esculpidos na Legislação vigente no que versa sobre a proteção das garantias da criança e do adolescente, em relação ao abuso sexual.

Para tanto, é importante a consumação de estudos envolvendo a averiguação das razões que levam os indivíduos/abusadores a praticar tais atos de violência contra a criança e/ou adolescente, como ocorre a existência do fato e as consequências do ato na vida do menor abusado. Tais como: Efeitos comportamentais, interpessoais, emocionais, sintomas físicos, cognitivos e sexuais.

Esse estudo é justificável a partir do momento em que busca cada vez mais intensificar os mecanismos de proteção e, ainda, efetivar os princípios e medidas protetivas aos direitos da criança e do adolescente. Para tanto, delimitamos o nosso campo de pesquisa, utilizando para tal, as Escolas do município de São Francisco do Conde, são elas: Colégio Estadual Anna Junqueira Aryes Tourinho, localizada em Mataripe, Centro Educacional Joaquim Alves Cruz Rios, localizada na Pitangueira, Centro Educacional Claudionor Batista e o Instituto Municipal Luiz Viana Neto, localizada no Centro. Onde pretende-se identificar a forma como as vítimas de abuso sexual são atendidas e acompanhadas no âmbito escolar.

Escolhi essas escolas, porque são escolas públicas com o índice de violência muito elevado entre alunos e contra os professores.

3 OBJETIVOS

3.1 GERAL

O presente estudo tem como objetivo geral estudar casos de abuso sexual infantil, tendo presente as ações de sua prevenção e combate nas escolas de São Francisco de Conde. O objetivo da pesquisa é de contribuir com dados teóricos e empíricos que possibilitem formas de prevenção contra o abuso sexual, municiando pais, educadores e demais agentes públicos instrumentos teórico-metodológicos para a realização de exercícios educativos que facultem às crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade a aquisição da consciência sobre o seu corpo e sua sexualidade de forma a se precaverem contra eventuais abusos sexuais.

3.2 ESPECÍFICOS

Para a realização do objetivo geral acima mencionado, propomos os seguintes objetivos específicos:

- Conhecer as diretrizes políticas do Município de São Francisco do Conde quanto à prevenção e combate ao abuso sexual infantil;
- Compreender as orientações pedagógicas das escolas do município de São Francisco do Conde sobre a prevenção, o combate e a proteção de crianças e adolescentes vítimas e/ou em situações de risco quanto ao abuso sexual;
- Identificar crianças e adolescentes vítimas do abuso sexual infantil, mediante pesquisa e entrevista com professores, diretores e coordenadores pedagógicos dentro das escolas do município.
- Acompanhar as práticas pedagógicas dos educadores no que concerne à preparação e sensibilização de crianças e adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade face ao abuso sexual
- Conhecer as estratégias políticas e pedagógicas de atendimento e proteção das crianças e adolescentes vítimas do abuso sexual.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada neste trabalho será o método etnográfico haja vista que se trata de uma pesquisa a ser feita nas escolas, portanto, o estudo do cotidiano escolar, envolvendo a observação participante, as histórias de vidas, como fontes de recolha de dados e informações.

O método etnográfico se utiliza da coleta de dados, sendo complementado pela pesquisa documental. O público alvo da presente pesquisa científica, também chamado de universo e amostra, serão os professores, diretores e educadores. Pois eles têm eventuais informações sobre a vítima.

A coleta de dados se dará a partir de uma pesquisa exploratória, que tem como alvo/objetivo mostrar uma compreensão maior a respeito do objeto de pesquisa. E também utilizaremos a pesquisa descritiva, no sentido de analisar e averiguar a relação entre os fatos que envolvem os fundamentos, bases e consequências do que está sendo pesquisado.

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O abuso sexual em crianças é de natureza social, tendo em vista que é influenciado de maneira intensa pela cultura e pelo tempo histórico em que ocorre, o que dificulta estabelecer uma definição aceita universalmente. Além disso, a definição de abuso e de criança varia nas diferentes tradições. Isso ocorre também em relação à maioria. Alguns países consideram a maioria a partir de 13 anos e outros a partir de 16 anos.

A violência sexual integra um conjunto de abusos que uma criança pode experimentar, e as quatro principais categorias de abuso em crianças são: Abuso físico; Abuso emocional; Negligência e Abuso sexual podendo se definir como:

Abuso Físico

Bater, sacudir, envenenar, queimar ou esgaldar, afogar, sufocar ou, de outra forma, causar danos físicos a uma criança. Danos físicos também podem ser causados quando o pai ou responsável finge sintomas de má saúde para a criança ou deliberadamente os causa. Essa situação é comumente descrita usando-se termos como “doença fictícia por procuração” ou “Síndrome de Munchhausen por procuração”. (SANDERSON, 2005, p.5)

Abuso emocional

Maus-tratos emocionais contínuos em uma criança com a intenção de causar efeitos adversos severos e contínuos ao seu desenvolvimento emocional. Isso pode envolver transmitir a criança à idéia de que ela é inútil, não amada, inadequada ou valorizada apenas na medida em que satisfaz as necessidades de outra pessoa. Pode se caracterizar pela imputação a criança de expectativas inapropriadas a idade ou ao seu desenvolvimento. Pode envolver o ato de fazer com que a criança se sinta freqüentemente assustada ou pode implicar sua exploração ou sua corrupção. Embora o abuso emocional esteja presente em todos os tipos de maus-tratos, ele também pode ocorrer isoladamente. (SANDERSON, 2005, p.5)

Negligência

O fracasso constante em satisfazer as necessidades físicas e/ou psicológicas de uma criança, o qual pode resultar em deterioração séria da saúde ou do desenvolvimento da criança. Pode envolver a falha de um pai ou responsável em fornecer comida, abrigo ou roupas adequadas ou proteger uma criança de danos físicos ou de perigos ou o fracasso em garantir acesso a cuidados médicos ou tratamento apropriado. Pode também incluir negligência ou indiferença em relação às necessidades básicas das crianças. (SANDERSON, 2005, p.5)

Abuso sexual

Forçar ou incitar uma criança ou um jovem a tomar parte em atividades sexuais, estejam ou não cientes do que esta acontecendo. As atividades podem envolver contato físico, incluindo atos penetrantes (por exemplo, sodomia, conjunção carnal) e atos não penetrantes. Pode incluir atividades sem contato, tais como levar a criança a olhar ou a produzir material pornográfico ou a assistir atividades sexuais ou encorajá-la a comporta-se de maneiras sexualmente inapropriadas. (SANDERSON, 2005, p.5)

Embora os quatro tipos de abuso sejam considerados categorias bem distintas, é possível argumentar que eles podem se sobrepor e que uma criança pode sofrer qualquer um desses abusos, alguns deles ou todos eles.

Também se pode argumentar que, na base do abuso físico, da negligência e do abuso sexual há certo grau de abuso emocional, em especial os abusos sexuais, que combina tanto a exploração sexual e emocional quanto a violação da criança. As crianças se deparam com o mundo cheias de curiosidade e confiança. Sentem, degustam e observam o ambiente; perguntam, correm, brincam. E para poder crescer e saber agir no mundo, elas dependem de ajuda, companhia e orientação dos adultos.

A sexualidade das crianças ainda é um assunto difícil para muitos adultos e pais, os quais não se sentem à vontade para falar sobre eles podendo esta discussão refletir os medos, ansiedades e inibições dos pais quanto à sexualidade. O sexo e a sexualidade podem ser associados a crenças negativas, como serem sujos, proibidos, degradantes ou representativos de dominação e submissão.

Acompanhando essas crenças também há, por vezes, uma sensação de constrangimento em relação ao corpo a nudez, o que pode ser sutilmente transmitido a criança, deixando-a constrangida e pouco a vontade. Pais e adultos representam um importante papel no desenvolvimento da compreensão do mundo pela criança. Eles agem como fortes exemplos que as crianças invariavelmente imitam e copiam.

Segundo Regina Finke:

Para que as crianças atualmente fiquem protegidos de abuso sexual, eles precisam conhecer a sexualidade e entendê-la em uma linguagem adequada a idade e de acordo com o desenvolvimento deles, porque assim elas vão poder se proteger, ou

seja elas vão saber a forma adequada de agir nos casos de possíveis abusos sexuais (FINKE, 1998, p. 8)

Portanto, se os pais e os adultos têm uma atitude negativa quanto ao sexo, a criança adquirirá essa atitude. Por sua vez, pais que tem uma atitude livre em relação ao corpo e a sexualidade deixarão as crianças igualmente mais a vontade quanto a seus corpos e a sua sexualidade.

O abuso sexual tem múltiplas facetas. Apesar de se tratar, em todos os casos de poder de subjugação de crianças indefesas, não é necessariamente acompanhado de violência física. Antigamente as crianças e adolescentes eram aconselhadas pelos pais, como exemplo: “não acompanhe homens desconhecidos”, ou “não aceite balas de estranhos”, por que pensavam com frequência que essas pessoas poderiam ser identificadas como perigosas, mendigos, ou qualquer estranho que se aproximasse da criança.

Hoje em dia, um abusador tanto pode ser um estranho, como até mesmo um conhecido, ou parente da própria família do menor. É de principal importância que os pais e adultos preocupados com o bem estar da criança entendam que o abuso sexual nem sempre começa com um sequestro ou um estupro, ou assassinato, pois este ato de violência contra o menor tem muitas combinações, vários tipos distintos de abusadores e diferentes atos lesivos e abusivos a criança.

A pedofilia e o abuso sexual pode ser entendido como o comportamento aprendido no qual a união de fantasias e imagens de crianças é combinada com masturbação, o que estabelece o comportamento sexual em relação a crianças, quanto mantém este desejo aceso. Se o pedófilo teve encontros anteriores com crianças, ele pode fantasiar e se masturbar pensando nelas.

Segundo Christiane Sanderson:

O pedófilo associa fantasias ou imagem de criança com excitação sexual e, assim cada vez que ele vê uma criança ou adolescente e pensa nelas, fica sexualmente excitado. Essa excitação sexual e o prazer relacionado ao menor conduzem a masturbação, na qual o ciclo de fantasias excitação e masturbação é repetido, levando ao comportamento adquirido, ao qual os psicólogos chamam de condicionamento clássico ou pavloviano. (SANDERSON, 2008, p.92)

O abusador quer satisfazer uma necessidade emocional, seja por poder ou por raiva. Por não conseguir ter relacionamentos normais com pessoas já adultas, e raiva por causa de algum

trauma que passou em algum momento do seu passado, nas duas hipóteses ele vê na criança um ser indefeso, um ser que está ali somente para satisfazer as suas necessidades, e sem poder de resistência.

Existe vários tipos de abusadores ou pedófilos, como por exemplo com o do perfil de predador, nesses casos, primariamente são os casos em que terminam em morte, sequestro, violência, onde nem tentam procurar um “possível” consentimento da vítima para se justificar.

Nos casos dos não predadores, são aqueles que apesar de manter contato com mulheres adultas, tem desejo por crianças e acreditam que as próprias podem dar o consentimento a atos sexuais, inclusive os bebês. Esses aí acreditam que as crianças são sexuais, que elas gostam de sexo, apresentando pensamentos e crenças distorcidas. Porque embora as ações sejam predatórias eles acabam não aceitando, só admitindo o fato que se eles estão fazendo isso, é por culpa exclusiva da criança.

Tem também o abusador dentro da própria família, onde pode ser o pai, o irmão, o avô, ou qualquer outro parente. Eles se aproveitam do poder, da autoridade, que tem de proteger a criança, o adolescente em favor dos seus interesses sexuais, podendo estes abusos ser até representados por mulher, apesar de ser pouco mostrado pela mídia e estatísticas, mesmo assim, não deixando de existir.

Admitindo-se também o abuso, a violência sexual por parte de adolescentes mais velhos, neste casos adolescentes considerados 5 anos mais velhos do que a vítima. Não existe uma classe definida capaz do adulto passar na rua, e através do aspecto de terceiros afirmar se é um abusador ou não, porque o abusador pode ser qualquer um, um professor, um gari, um médico, um padre, um instrutor de atividades esportivas, ou outra profissão qualquer.

De acordo com Matilde Carone (2008, p. 27) “o pedófilo, ou abusador se enquadra como uma boa pessoa e possui uma paciência acima da média com as crianças, gostando de ficar junto delas, promovendo brincadeiras, conversando e até aconselhando-as” (CARONE, 2008, p. 27).

Nem todas as crianças são capazes de revelar o abuso sexual por temerem suas consequências, mais podem encontrar variadas e muitas maneiras de tentar passar as suas angústias, medos e ansiedades para os adultos. Os efeitos segundo podem ser agrupados nas seguintes categorias: Efeitos emocionais, interpessoais, comportamentais, cognitivos, físicos e sexuais.

O impacto da violência sexual pode causar variados tipos de efeitos emocionais como, por exemplo, vergonha, humilhação, repulsa, ódio, desrespeito por si mesma, timidez, culpa, constrangimento, medo, ansiedade, confusão, impotência, falta de confiança, falta de iniciativa, inferioridade, inadequação, hostilidade, “congelamento”, entre outros.

Entretanto, o mais comum é a vergonha. Geralmente desde de pequenos, quando as crianças começam a transparecer um pouco de entendimento, elas já começam a ser ensinadas que as suas partes íntimas são algo que tem que ser mantida em sigilo, escondidas, e que devem se sentir envergonhadas quando se mostram, se tocam ou brincam com elas em público. Como faz notar Sanderson:

Dessa forma quando uma criança é coagida a uma atividade sexual que envolva essas partes do corpo, podem se sentir envergonhadas com o que esta fazendo. A sensação de vergonha é incitada pelo sigilo do abuso e pelo caráter furtivo que pode envolver os encontros sexuais. A criança sentirá uma pressão porque se é um segredo, então tem que haver algo de vergonhoso a respeito desta atividade, apesar das garantias ao contrario ditas pelo abusador. (SANDERSON,2008, p 204)

Em relação a esses tipos de efeitos estão mais relacionados com a qualidade do relacionamento em que a criança vai manter com as outras pessoas e a sua maneira de construir, e se manter neste relacionamentos.

As características que acompanham este tipo de sinal ou sintoma é o medo da intimidade, a pessoa evita abraços, proximidades, afagos e carícias com os outros. Apresenta também ódio, hostilidade, necessidade de se esconder, solidão, alienação, isolamento, redução das habilidades de comunicação, autossuficiência, confusão de papéis – criança/pseudo-adulto, falta de confiança em si mesmo, entre outros.

A criança quer apenas desaparecer para evitar contato com os outros. Ela é inibida em relação a si mesma, a sua identidade e ao seu corpo. O medo de ser segurada no colo ou afagada dificulta para ela qualquer tipo de ligação. Ela pode parecer cronicamente tímida em situações sociais, em especial com adultos, não só para não

atrair atenção para si mesmo entre eles como, também para outras crianças. Agir assim só faz com que se sintam cada vez mais solitária, isolada e alienada dos outros. Ela também pode evitar situações em que seu corpo se torne foco da atenção, como nos esportes, na natação ou em atividades físicas que envolvam despir-se ou trocar-se na frente dos outros. (SANDERSON,2008, p 207).

Muitas crianças e adolescentes, quando envolvidas por um abuso sexual tentam se comunicar através de seu comportamento, o que também não significa que se ela apresentar um comportamento atípico que ela esteja sendo abusada sexualmente.

A vítima pode apresentar a violência sofrida através de alguma brincadeira, tanto com outras pessoas, quanto com brinquedos, por que a tendência dela mesmo que ela não fale, ela vai acabar externando a violência sofrida com algum comportamento atípico e característico do que ocorreu com ela, como exemplo, ela pode acabar encenando através desta brincadeiras, as cenas vividas por ela. Como por exemplo, brincadeiras de “médico” ela pode concentrar seus exames nos órgãos genitais de outra criança, demonstrando o interesse do seu abusador em relação a sua genitália.

Quando esta criança ou adolescente brinca sozinha, ela pode encenar o abuso com seus brinquedos, desejando nestas brincadeiras dominar o seu próprio reino, podendo se identificar com o abusador submetendo os brinquedos ou crianças mais novas que ela as mesmas violações as quais foi submetida. (SANDERSON,2008, p 210)

As características que acompanham este tipo de efeito são, brincadeiras sexualizadas, temas sexuais em desenhos, histórias e jogos, comportamento regressivo como fazer xixi na cama, dependência, distúrbios de conduta, como por fogo em objetos, ataques histéricos, mudanças nos padrões de sono e alimentação, comportamento perigosos, como fugir, ou lutar e vulnerabilidades a acidentes, comportamento autodestrutivo, machucar a si mesma, tentativas de suicídios, promiscuidade, entre outros.

Segundo Sanderson (2008, p.218) “os psicólogos usam o termo cognitivo para descrever processos como a percepção, a atenção e o modo de contar, consolidar a informação e retrabalhá-la”. As características destes sintomas são representadas pela baixa concentração de atenção, dissociação, transtornos de memória, negação, refúgio na fantasia, sub/super-aproveitamento na escola, hipervigilância e distorções cognitivas.

As características destes sintomas são representadas pela baixa concentração de atenção, dissociação, transtornos de memória, negação, refúgio na fantasia, sub/super-aproveitamento na escola, hipervigilância e distorções cognitivas.

Um dos aspectos mais difíceis do abuso é quando ele não deixa marcas, sinais físicos, caracterizando, especificamente o caso de crianças que sofreram o abuso, por longo período, mais sem haver algum tipo de penetração vaginal ou anal. Muitos abusadores não deixam sinais visíveis de hematomas, sangramento ou traumas. A masturbação mútua ou o sexo oral não deixa necessariamente quaisquer sinais físicos.

O abuso não se caracteriza especialmente se for realizado o contato físico, mais também pode haver o abuso sem o devido contato. Podendo ser, por exemplo, através de expressões verbais, ou na prática do exibicionismo, a partir do momento que um adulto mostra as suas genitálias ou faz gestos obscenos para um menor, já está caracterizado como abuso.

Entretanto, se o abuso sexual for acompanhado de violência e penetração forçada, podem existir sinais físicos explícitos dele. Se a força da violência for utilizada, a criança pode apresentar hematomas e, em alguns casos, sangramentos, especialmente nas coxas e área genital. Traumas nos seios, nadegas, baixo ventre e coxas podem estar igualmente presentes. Também podem ocorrer traumas nas regiões oral, genital e retal, se houver penetração, a presença de sêmen pode ser detectada na área genital e anal. (SANDERSON, p 224,2008)

As características dos sintomas físicos são: hematomas e sangramento, traumas físicos nas regiões oral, genital e retal, danos visíveis em razão da inserção de objetos estranhos nos orifícios genital, retal e uretral, coceira, inflamação e infecção nas áreas oral, genital e retal, odores estranhos na área vaginal, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez, distúrbios do sono (pesadelos e sonambulismo), entre outros.

A vítima que sofreu esta violência, pode vir a tentar passar sua experiência por meio de comportamentos sexuais incomuns. As características relacionadas a este tipo de sintoma são comportamentos inadequados e persistentes com adultos, brinquedos ou crianças, masturbação compulsiva, exibicionismo, medo do sexo, promiscuidade, prostituição, problemas menstruais, gravidez na adolescência, temas sexuais nos trabalhos artísticos, em histórias ou em jogos.

6 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

O contexto da pesquisa de campo para o desenvolvimento deste projeto de pesquisa será no município de São Francisco do Conde-BA, levando em consideração as escolas públicas do município citado anteriormente. Esta pesquisa será direcionada ao profissional de educação, seja professor, diretor, coordenador, ou outro funcionário que trabalhe diretamente com os educandos menores de idade, no âmbito escolar.

A pesquisa de campo será executada nas escolas públicas municipais de São Francisco do Conde, são elas: Colégio Estadual Anna Junqueira Aryes Tourinho, localizada em Mataripe, Centro Educacional Joaquim Alves Cruz Rios, localizada na Pitangueira, Centro Educacional Claudionor Batista e o Instituto Municipal Luiz Viana Neto, localizada no Centro, e, este estudo tem como objetivo examinar as características e consequências que as práticas pedagógicas no combate e prevenção ao abuso sexual infantil traz no cotidiano dos educadores e educandos.

Ainda se tratando da localização das escolas citadas e dos alunos que frequentam as mesmas, podemos afirmar que parte dos alunos residem em lugares do município que não são privilegiados. Ou seja, lugares que não são pavimentados, e, ocorre a falta de manutenção por parte do poder público. Ou ainda, lugares que estão continuamente expostos a situações de diversos tipos de violência externa, como por exemplo, tráfico de drogas, violência contra a mulher, violência doméstica entre outras. Por causa dessas situações de vulnerabilidade que os alunos enfrentam cotidianamente, que as escolas citadas foram escolhidas como campo da pesquisa.

Ainda se tratando da caracterização do campo, averiguamos que na maior parte das escolas verificadas e analisadas, a realidade social da vida prática dos alunos, é que fazem parte da classe pobre, e os alunos são oriundos de bairros afastados e pobres também. Por outro lado, tem a parte dos alunos que residem na parte do Centro da cidade, e que se encaixam em situações melhores de vida. Ressaltando que o abuso sexual infantil independe da classe social, ou do bairro que residem.

Instintivamente, professores, diretores, coordenadores, pais e educadores, percebem no dia a dia, laços afetivos no processo de educar. Percebendo mudanças na criança ou adolescente,

quando estabelecem diferenças no modo de ser, por conta de possíveis abusos sexuais sofridos.

É notório que uma boa parte do corpo docente dessas escolas municipais não estão capacitados para lidar com essa problemática, se faz necessário tal capacitação, pois é um assunto muito delicado e envolve indivíduos indefesos. Em muitos casos foi percebida a negligência por parte dos pais, a quem deveria proteger

7 RELATÓRIO PRELIMINAR DA PESQUISA DE CAMPO

Este relatório preliminar da pesquisa de campo será desenvolvido com o objetivo de estudar casos de abuso sexual infantil, tendo presente as ações de sua prevenção e combate nas escolas do município de São Francisco de Conde.

A escolha das citadas instituições de ensino municipal se deu principalmente por causa do nosso interesse, no que diz respeito à proteção da criança e do adolescente. E também por saber que os alunos destas instituições estão frequentemente expostos a situações de violência. Atualmente fala-se muito na proteção à criança e ao adolescente, sendo um tema totalmente pertinente para ser debatido nas escolas do nosso município. Outro elemento que será levado em consideração, é a vontade de querer alertar e chamar atenção da sociedade cada vez mais. Uma vez que, a proteção às nossas crianças é dever de todos.

Esta pesquisa irá nos proporcionar novo conhecimento sobre o tema abuso sexual infantil, e a fundamentação doutrinária já existente. Uma vez que se faz necessário atualização constante, no que diz respeito às mudanças que ocorrem frequentemente.

À medida que as escolas se desenvolvem no quesito prevenção e combate ao abuso sexual infantil, acabam adquirindo novas habilidades e competências na hora de enfrentar esses casos na prática.

Estudos, pesquisas e entrevistas serão realizadas no município de São Francisco do Conde-Ba nos mostram que existem intervenções importantes que já estão sendo programadas e realizadas no âmbito municipal. Tais como: Rodas de conversa sobre violência sexual infanto-juvenil, promovida por meio do Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS, órgão vinculado à Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social e Esportes – SEDESE, onde será exibido curtas metragens referentes ao tema abuso sexual infanto-juvenil, promovendo a reflexão a respeito de como podemos proteger as nossas crianças e adolescentes.

A pesquisa de campo nos possibilitará abranger o nosso conhecimento, através de relatos dos Assistentes Sociais e dos profissionais da educação, que em algum momento da sua jornada pedagógica, tomaram conhecimento que alguns dos seus alunos estavam sofrendo abuso

sexual infantil. Esta fase se tornou imprescindível para o andamento e desenvolvimento da pesquisa. Haja vista que, para que ocorra a prevenção e combate em si, existe uma necessidade de saber o que acontece na rotina dessas crianças e adolescentes, para que se possa erradicar este mal pela raiz.

Numa entrevista com umas das coordenadoras pedagógicas que atendem no município e trabalha em umas das escolas do município, localizada no Centro, esta afirmou que, houve um caso em que a criança era abusada pelo padrasto todos os dias antes de ir para a escola. E que a criança retrata tais abusos através dos desenhos que fazia.

A Coordenadora Pedagógica afirmou que tais abusos são muito comuns, e que as crianças e adolescentes que sofrem abuso sexual, tem inúmeras maneiras de demonstrar e retratar o abuso que estão sofrendo. Como por exemplo, retratam através de desenhos, ou de brincadeiras, onde fazem com o brinquedo, geralmente bonecas, tudo que o abusador faz, chegando até mesmo a reproduzir as mesmas falas.

Ocorre que, segundo o relato desta Coordenadora Pedagógica, é muito difícil para as crianças e adolescentes revelarem que estão sendo abusados sexualmente, principalmente por pensarem que as pessoas não irão acreditar nelas, ou que irão culpa-las e puni-las de maneira que se sintam envergonhadas. E por diversas vezes não revelam o abuso sexual sofrido por causa das “consequências”. Haja vista que, pode ocorrer ameaças por parte do abusador. Sendo que muitas dessas crianças não revelam o abuso sexual sofrido nem quando atingem a idade adulta.

Segue outro relato de abuso sexual infantil, que ouvimos de uma Assistente Social que também trabalha no município: Uma criança de 5 anos, gostava de brincar de médico. E seu abusador (amigo da família) começou a brincar com ela frequentemente e voluntariamente, permitindo que a criança iniciasse a brincadeira sempre que quisesse. De início a criança desempenhava o papel de médico, examinando o abusador, olhando os ouvidos e a boca.

Depois de um tempo, o abusador passou a examina-la, olhando a boca, os ouvidos, e passou também a ouvir o coração, primeiro com roupa e depois sem roupa. De maneira que a “brincadeira” evoluiu de tal forma, que o abusador passou a olhar as outras cavidades da criança, especialmente a vagina, sugerindo que quando eles brincassem de médico, colocasse

os “remédios” dentro da vagina da criança, os quais, o abusador retirava com os dedos ou com a boca. O abuso sexual foi descoberto, porque a criança sempre retratava em seus desenhos o que ocorria.

Com a pesquisa será possível perceber que o abusador de crianças e adolescentes, não aparece no início como se fosse uma pessoa ruim ou um monstro ao qual as crianças devem temer. Muito pelo contrário, o abusador tem o seu perfil, como uma pessoa agradável, em quem as crianças podem confiar.

Começando o abuso sexual, muitas de maneira sutil, induzindo a criança ou adolescente a pensar que as investidas sexuais fazem parte de uma brincadeira. Sendo assim, o toque físico no início do abuso sexual é tão sutil, que a criança não percebe que aquele contato físico não sexual tem o propósito de se tornar sexual. Pois o toque físico não sexual aumenta a aceitação por parte da criança e ajuda o abusador a identificar os limites. Quebrando possíveis inibições que a criança e o adolescente podem ter. Sexualizando o toque gradativamente, até conseguir ter o domínio do menor.

REFERÊNCIAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 14724**: Informação e documentação. Trabalhos Acadêmicos - Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002. Disponível em: <https://formatacaoabnt.blogspot.com.br/2011/10/referencias.html>, acesso em 15 Fev 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA MULTI-PROFISSIONAL DE PROTEÇÃO À INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA (ABRAPIA). **Abuso sexual contra crianças e adolescentes**: proteção e prevenção - guia de orientação para educadores. Petrópolis, RJ: Autores & Agentes & Associados, 1997.

BRASIL. Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, Brasília, DF, CONDECA, 2000.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Organização de Alexandre de Moraes. 16.ed. São Paulo: Atlas, 2017.

CAMÕES, Cristina. **Violência Sexual em menores** (2005). Disponível em: <http://www.psicologia.com.pt>, acesso em 15 Abril 2018.

CAMARGO, L. S.; LIBÓRIO, R. M. C. **A Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes na Perspectiva de Professoras de Escolas Públicas Municipais de Presidente Prudente**. 2005, 50f. Iniciação Científica (PIBIC) – Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente.

COSTA, S. M. S. **Concepções e práticas de profissionais de educação sobre os maus-tratos contra crianças**. 2008. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

Comitê Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes: disponível em: www.comitenacional.org.br

CONTI, Matilde Carone Slaibi. **Da Pedofilia**: aspectos psicanalíticos, jurídicos e sociais do perverso sexual. 1.ed. Rio de Janeiro: Forense, 2008.

CONTI, Matilde Carone Slaibi. **Da Pedofilia**: aspectos psicanalíticos, jurídicos e sociais do perverso sexual. 1.ed. Rio de Janeiro: Forense, 2008

COSTA, S. M. S. **Concepções e práticas de profissionais de educação sobre os maus-tratos contra crianças**. 2008. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

FINKE, Regina. **Eu posso dizer não?** São Paulo. Paulinas, 2004.

SANDERSON, Christiane. **Abuso Sexual em Crianças**. 1.ed. São Paulo:M. Bookes, 2008. Disponível em: <https://www.ibpad.com.br/blog/comunicacao-digital/o-que-e-pesquisa-etnografica/>